

O Funcionamento Tecnológico da Suástica:¹

Uma perspectiva da Ecologia das Mídias

The Technological Operation of the Swastika:

A Media Ecology Approach

Carolin Aronis

Professora Assistente no Departamento de Estudos Étnicos da Universidade Estadual do Colorado. Estuda raça, gênero, antissemitismo e experiência judaica por meio de um estudo interseccional de mídias, retórica e tecnologia.

Universidade Estadual do Colorado, Departamento de Estudos Étnicos, Fort Collins, Colorado, EUA.

Introdução

Entre 2017 e 2021, mais de 400 suásticas expostas criminalmente em universidades em todos os Estados Unidos receberam cobertura midiática após serem delatadas (AMCHA, 2022).² Embora muitos incidentes envolvendo suásticas não sejam delatados e/ou não adquiram reconhecimento público, estes dados atuais nos dão um vislumbre do relevante fenômeno de suásticas desenhadas, pichadas, impressas ou expostas dentro de áreas de campi universitários estadunidenses. Este fenômeno pode ser compreendido como parte de um grande crescimento mundial e principalmente nacional do antissemitismo nos últimos

¹ Este ensaio é uma versão estendida de uma palestra dada pela autora durante o 22º Encontro Anual da *Media Ecology Association*. A autora gostaria de reconhecer a contribuição significativa de Eric Aoki à pesquisa de maior amplitude examinando forcas e suásticas como tecnologias violentas em espaços acadêmicos estadunidenses. Este ensaio foca apenas na suástica e oferece uma compreensão adicional sobre seu uso por meio de um ponto de vista da Ecologia das Mídias. Tradução do original em inglês por Rodrigo Gastaldo. Revisão técnica de Adriana Braga (MEA/PUC-Rio/FAPERJ).

² Veja os dados sobre o incidente no site *Amcha Initiative* entre 2020 e 2021 usando o termo de busca “swastika”. Casos não delatados e/ou aqueles que não foram reconhecidos publicamente não foram inclusos nesta busca.

anos. O antissemitismo é o ódio direcionado a judeus, e pode se manifestar como discriminação, assédio, intimidação e ataques violentos e mortais contra indivíduos, comunidades, instalações e instituições judaicas (ANTI-DEFAMATION LEAGUE, 2021; LIPSTADT, 2019; U.S. DEPARTMENT OF STATE, 2010). Em 2021, a *Anti-Defamation League* publicou um relatório de sua última auditoria utilizando a manchete “Incidentes antissemitas nos Estados Unidos se mantêm em alta histórica em 2020” (ANTI-DEFAMATION LEAGUE, 2021). Resumindo diversos questionários, a revista *Time* publicou “Crescimento em ataques antissemitas causa uma ‘noção de emergência’ entre Judeus ao redor do mundo, mostra novo relatório” (ROACHE, 2019). Uma mera pesquisa na internet revela inúmeros incidentes nos últimos anos, bem como levantamentos e relatórios.

Nos Estados Unidos e, mais especificamente, em campi de universidades e faculdades, suásticas geralmente aparecem em muros e áreas públicas, em folhetos de supremacia branca e pôsteres distribuídos pelo campus, em banheiros públicos, nas portas e janelas de residências de estudantes, em carros particulares e outros objetos afins. A maioria destes casos ocorre em horas e locais nos quais x autorx não é percebidx e, assim, permanece desconhecidx e não identificadx (dada a informação do website da *Amcha Initiative 2017-2022*).

Associadas ao regime nazista, as suásticas se tornaram um símbolo do legado homicida de nazistas e colaboradorxs, sendo particularmente associada ao Holocausto, perseguição e assassinato sistemático de seis milhões de judeus, bem como outros povos, tendo sido encorajado pelo Estado entre 1933 e 1945 (ANTI-DEFAMATION LEAGUE, 2021; HELLER, 2008). Após 1945, as organizações nazistas, bem como seus símbolos, incluindo a suástica, foram proibidos e retirados, com sua disseminação sendo criminalizada (HOLOCAUST ENCYCLOPEDIA, 2017). Atualmente, a exposição pública de símbolos nazistas, inclusive na internet, leva a processos criminais em certos países.³ Nos Estados Unidos, no entanto, a exposição individual de símbolos e propaganda nazista é legalizada dadas as tradições e legislações do país que protegem a liberdade de expressão. O surgimento e os casos frequentes de suásticas nos campi estadunidenses nos últimos anos geraram uma sensação de medo e intimidação entre estudantes e funcionárixs, sentidos mais intensamente por quem pertence às comunidades judaicas.

³ Vide, por exemplo, o Brasil, onde a manufatura, a distribuição e a transmissão da suástica com o intuito de propagar o nazismo é considerada um crime (artigo 20, parágrafo 1, constituição federal 7.716, aprovada em 1989). A pena é de reclusão de dois a cinco anos e multa.

Casos de suásticas em ambientes acadêmicos nos Estados Unidos, particularmente em universidades públicas – lugares de que se espera que sejam inclusivos, responsáveis por justiça social e que tenham um alto nível de valores e métodos éticos – levantam questões importantes a respeito da segurança, da inclusão e do respeito a grupos minoritários. No entanto, a resposta da administração das universidades aos acontecimentos mencionados depende de como xs administradorxs e funcionárixs interpretam a suástica, seu uso e os elementos incluídos nas suas práxis, visto que estes são relevantes na avaliação do caso. Por exemplo, *onde* a suástica foi exposta, seu tamanho, materiais usados, aparência, relação a judeus e não judeus e se outras palavras ou imagens foram associadas. Essas considerações supostamente ajudam a averiguar os objetivos dx autorxs. No entanto, para muitos membros da comunidade judaica, não há dúvidas quanto ao significado de uma suástica exposta – uma ameaça de perseguição e tortura, um lembrete de como judeus foram tratados no Holocausto e/ou uma afirmação de que o alvo, seja ele judeu ou não, é conhecido, observado e não é bem-vindo na comunidade do grupo dominante. Diversos líderes judeus argumentam que a suástica, além disso, incita a violência.

Veja, por exemplo, as respostas de comunidades-alvo após incidentes de suásticas. Na *University of Missouri* (Universidade do Missouri), estudantes disseram: “Eu temi pela minha vida”, “Você não consegue saber quem poderia ser a pessoa que fez isso” (13WJZ—CBS BALTIMORE, 2015); após uma segunda ocorrência de diversas suásticas no escritório de um professor judeu no *Columbia’s Teachers College* (Faculdade de Professores da Columbia), o membro do corpo docente afetado disse: “Eu fiquei chocado. Não conseguia acreditar”; “Geralmente eu não sou uma pessoa medrosa, mas eles me atingiram. Estou com medo”; “Eu estava com medo de ficar sozinho no meu escritório” (STANLEY-BECKER, 2018). Após quatro suásticas terem sido encontradas em Wilmington, Delaware, a *Jewish Federation of Delaware* (Federação Judaica de Delaware) comentou: “Qualquer tipo de símbolo desta natureza faz com que a comunidade judaica fique preocupada e temerosa de outras ações de ódio na comunidade [...]. Muitas pessoas sabem o que a suástica significa e podem se sentir deprimidas ou ameaçadas por ela” (LEVI JULIAN, 2022). Após uma suástica ter sido encontrada desenhada no vidro de uma área pública do *Ithaca College* (Faculdade Ítaca), a *Hillel house*⁴ local escreveu: “A suástica é frequentemente usada para incitar a violência contra judeus e pode ameaçar a noção de segurança de estudantes judaicos” (DE CASTRO, 4 de fevereiro de 2022). Por meio

⁴ N.T.: *Hillel International* é uma organização estadunidense que preza pelo bem-estar de estudantes universitários judeus, oferecendo cursos, oportunidades e apoio a tais alunos. Uma *Hillel house* representa a organização localmente.

de uma lente acadêmica, Heller (2008) argumenta sobre a associação da suástica ao antissemitismo violento, e Quinn (1994) descreve a suástica como um artefato de imposição de medo em judeus e outros inimigos da Alemanha nazista.

No entanto, para a administração das universidades, as intenções por trás da exposição de uma suástica são uma pauta comum de discussão para que ela seja capaz de decidir como lidar com o ocorrido, com as vítimas, com x autorx, caso este seja identificadx, e comunicar a situação à comunidade universitária. Em muitos casos, uma ocorrência de suástica recebe a descrição de um ‘símbolo de ódio’ ou um ‘símbolo horrível e odioso’, em vez de ser enquadrada em uma linguagem de violência e exclusão (ver ARONIS & AOKI, 2021). A forma de ação descrita, em que as palavras acompanhantes e outros componentes são necessários para definir o significado de uma suástica, mostra a suposição de que, para xs administradorxs, bem como outros agentes, a mensagem que uma suástica carrega e o que isso causa às comunidades-alvo são questões abertas à interpretação para as autoridades universitárias e para os não judeus. Como exposto em outros trabalhos (ARONIS, 2019/2020), em um mundo de redes sociais, em que significados miram no colapso e na divergência, a suástica exposta perdeu seu significado unânime e claro. Aronis e Aoki (2021) reivindicam que suásticas expostas propositalmente em campi acadêmicos estadunidenses sejam tratadas, definidas e compreendidas além do arcabouço de símbolos de ódio e dentro do campo das *tecnologias da violência*. Aronis e Aoki reivindicam também que as suásticas sejam vistas como objetos ou tecnologias que possuem atividade e voz, além de oferecerem uma compreensão simbólica, ativa e instrumental da exposição por parte dx autorx.

Neste ensaio, amplio a argumentação de Aronis e Aoki ao utilizar uma abordagem da Ecologia das Mídias para teorizar a atuação tecnológica da suástica nos momentos de sua instalação, aparência e revelação, enfatizando os aspectos do material, do meio e do processo de produção da suástica, para que seja possível desconstruir sua natureza violenta, assediante e ameaçadora para a comunidade judaica universitária estadunidense, bem como para outras comunidades raciais minoritárias potencialmente afetadas. É importante ressaltar que ainda não há um empreendimento acadêmico para examinar como as suásticas são usadas atualmente na prática e quais são seus efeitos aterrorizantes em membros das universidades.

O que são as suásticas e qual é seu uso atual

Suásticas são imagens ou artefatos bidimensionais com a forma de uma cruz adunca. A suástica original, originada há aproximadamente 7000 anos na Eurásia, possuía ganchos voltados para a esquerda e por muito tempo foi utilizada como um sinal de bem-estar em sociedades antigas. No século XIX, descobertas arqueológicas levaram a especulações de que tal símbolo pertencia a ancestrais remotos de uma cultura “Ariana” compartilhada entre a Ásia e a Europa (HOLOCAUST ENCYCLOPEDIA, 2017; HELLER, 2008). Em 1920, o Partido Nazista adotou oficialmente a suástica como seu símbolo, voltando os ganchos para a direita e tendo a intenção de promover o orgulho dos cidadãxs alemãxs arianxs. As cores vermelho, branco e preto da bandeira nazista dialogavam intencionalmente com a bandeira da Alemanha Imperial (1871-1918), que ainda era bem-vista por muitxs alemãxs que discordavam da democracia. Essa combinação de cores da suástica se tornou uma imagem poderosa e facilmente reconhecível na propaganda nazista. Foi por meio desse processo que a suástica foi associada à ideia de um estado racialmente “puro”, representando a “supremacia” da “raça ariana” e a “inferioridade” do povo judeu e de outras minorias na Alemanha e outros países. Desde 1935, judeus foram proibidos de hastear a bandeira alemã (com a suástica) e de portar as cores nacionais (HOLOCAUST ENCYCLOPEDIA, 2017).

Heller (2008) explica que a suástica promoveu a supremacia ariana e prometeu a redenção ao povo alemão e à raça ariana. A perseguição de judeus ocorreu em prol dessa ideologia. Assim, desde o princípio de seu uso por nazistas, a suástica foi associada ao antissemitismo violento, de acordo com Heller. Ao longo do tempo, a suástica incorporou tanto a identidade nacional quanto a pessoal e, além disso, funcionava como substituta do próprio Hitler, ao mesmo tempo que aterrorizava o povo judeu e outros inimigos percebidos da Alemanha nazista (QUINN, 1994). A suástica não foi portada apenas na bandeira nazista, e apareceu também em pôsteres eleitorais, faixas de braço, medalhas e brasões militares e de outras organizações. Ela também apareceu publicamente em aglomerações, cartazes e outras formas de exposição.

Desde 1945, a suástica passou a significar o genocídio, a guerra imperialista, a tortura e o terror. O que outrora fora uma entidade neutra, diz Heller (2004), se tornou um instrumento de criminalidade: a suástica não é uma lâmpada em que um gênio maléfico vivia, mas a encarnação de tal criatura. Movimentos fascistas atuais na Alemanha, na Rússia, no Leste Europeu e na América do Sul, bem como supremacistas brancxs, milicianxs e neonazistas nos Estados Unidos, utilizam o símbolo e o acham atraente pelos mesmos motivos que Hitler (HELLER, 2008). O legado assassino do regime nazista, em particular o Holocausto,

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed46.2022.284>

converteu a suástica em um símbolo de ódio, antissemitismo, infâmia e supremacia branca permanentemente para a maior parte do mundo, com exceção da Ásia (por exemplo, nos relatos da suástica da Anti-Defamation League, levantados em 2022). Sua exposição é proibida na Alemanha e em alguns outros países, levando alguns grupos de extrema direita a formularem variantes ou alternativas à suástica que causem um efeito semelhante. Nos Estados Unidos, a suástica é vista principalmente como um símbolo de ódio a judeus, mas também afeta a comunidade negra, LGBTQIA+, imigrantes e/ou refugiadxs e outros com descendência não branca e/ou não cristã.⁵

Suásticas como tecnologia (midiática)

*“A suástica foi transformada [...] em um **instrumento** do crime”*

(HELLER, 2004, p. 850, grifo nosso)

Slack e Wise (2015) definem tecnologia por sua percepção e seu uso normal na sociedade. Eles descrevem tecnologias como instrumentos ou máquinas feitas pela humanidade com o propósito de lidar com necessidades sociais ou físicas; tecnologias são desenvolvidas, montadas, construídas e instaladas por certos grupos para que estes sejam capazes de superar o que consideram obstáculos diários, ou então para abordar necessidades sociais ou físicas (ver também Lane, 2019). Assim, a tecnologia envolve o propósito e a ação humana, além de formular uma relação, fluxo e conexão entre o vivo, o não vivo, xs produtorxs, usuárixs e os processos. As tecnologias também podem ser vistas como ofertas de soluções tecnológicas para os problemas sociais, e, por meio dessa lente, elas perpetuam práticas de controle, opressão, (in)segurança social, designs discriminantes, hierarquia e “carceração”, como explicado por Benjamin (2019).

Ao teorizar a suástica por meio da estrutura tecnológica, Aronis e Aoki (2021) explicam as instrumentalidades desses objetos e o processo de produção enquadrando-as como tecnologias em si mesmas. Na visão dxs autorxs, a suástica foi criada e usada como tecnologia visando as necessidades e as demandas de superioridade e subjugação do “Outro” por supremacistas brancos ou da cultura dominante, incluindo a violência letal, e impondo a hegemonia branca e o medo entre aqueles identificadxs como supostas ameaças à sociedade. Suásticas expostas nos dias atuais em campi, explicam, são ferramentas que possuem e produzem a violência e a intenção historicamente imbuída do passado enquanto

⁵ Por exemplo, Hampson (2017)

simultaneamente existem no presente. Além da intenção e das ações de seu/sua expositrix, as suásticas por si só possuem sua própria ação tecnológica que é promulgada pela sua existência.⁶

Baseado em Lefebvre (in SLACKS & WISE, 2015) e Zagacki e Gallagher (2009), Aronis e Aoki também conceituaram a promulgação da suástica como fator que simbolicamente e materialmente provoca choque, medo, ameaça ou apreensão, além de chamar a atenção para outra história enquanto esta é experienciada no momento presente. Elxs explicam que a suástica é uma tecnologia violenta que pode produzir uma quebra externa no espaço público e uma quebra interna no mundo social e afetivo da pessoa que entra em contato com tal violência tecnológica.

Enquanto Aronis e Aoki (2021) realizam uma exploração comunicativa da suástica por meio da lente da semiótica, da teoria de atos de fala e, finalmente, da tecnologia, apresento neste ensaio uma exploração expandida do aspecto comunicativo dentro da própria tecnologia. Independentemente dos leitorxs deste ensaio concordarem que suásticas podem ser consideradas mídias por si só ou que elas incorporam práticas de mediação, relações entre o físico e o simbólico e propagação de mensagens, disseminação, interpretação e afins, a abordagem teórica da ecologia das mídias nos oferece ferramentas analíticas para aumentar nossa compreensão a respeito dos modos como as suásticas operam em relação à comunicação.

Por exemplo, a famosa observação de McLuhan (1964, p. 7) de que “o meio é a mensagem” nos convida a pensar a suástica exposta primeiramente não pela “mensagem” que assumimos que ela carrega, mas por sua forma, pela mediação, por seu ser físico existente e pelo que ela se torna no espaço e no tempo, além de seu resultado real. Strate (2017, também baseado em Culkin) fornece significados específicos ao aforismo de McLuhan sobre as mídias, elucidando que deveríamos primeiramente nos sintonizar às mídias (antes de seus “conteúdos”), visto que a mídia precede o seu conteúdo, o influencia, o motiva, e “são as mídias que têm o maior impacto nas questões humanas”⁷ (STRATE, 2017, p. 55).

Benjamin (2019), Foucault (1975), Winner (2020), Marvin (1988), Slack e Wise (2015), Sharma (2014), Rosenberger (2018) e Strate (2017), por meio de diferentes perspectivas, reconheceram as formas de poder e autoridade que residem em artefatos, tecnologias e mídias, mostrando como estes são capazes de tomar nossa atenção, refletir e capacitar ideologias racistas e injustiças sociais, além de dar atenção particular aos

⁶ Ver, por exemplo, “agency” em Slack & Wise (2015).

⁷ N.T.: Tradução livre

assuntos que possuem importância por meio de suas formas organizadas, estruturas, implicações, compatibilidade e significados. Dando sequência a esses trabalhos, mostro em seguida uma exploração do funcionamento tecnológico das suásticas e sua atuação no antissemitismo.

Analisando a Suástica por meio da Ecologia das Mídias

O que segue é dividido em cinco aspectos da ação tecnológica da suástica, levando em consideração sua produção, sua prática aparentemente midiática, suas funções promulgadas, seus significados, suas expectativas e sua relação entre x autorx-montadorx, o alvo, xs transeuntes e xs que dão resposta à exposição de uma suástica.

Produzindo (a mídia) da suástica

Diferentemente de processos de produção de mídias mais “tradicionais”, como jornais ou publicidades, em que há um planejamento prévio, uma equipe diversa preparando o conteúdo, imagens e linguagem para a exposição em uma plataforma dedicada a ser vista pelo público, a produção da suástica depende de menos procedimentos. O processo é mais curto, às vezes apenas um breve momento para que uma única pessoa produza ou exponha uma suástica utilizando tinta, sprays, canetas, fezes ou faca em determinada superfície sem que seja vista. No momento seguinte, há uma nova suástica na parede da biblioteca, por exemplo, na entrada de uma república de estudantes judeus, na parede em um banheiro nas residências, arranhada em um carro ou marcada no dormitório de estudante judeu.

Enquanto o jornal ou a publicidade produz ou paga por uma superfície para seu conteúdo, seja ela papel, tela ou outro, a suástica é exposta em uma superfície “roubada” e sem permissão; ela é concebida utilizando uma superfície com existência prévia que não pertence x autorx da peça produzida. O uso de uma superfície no espaço une a mídia recém-criada (a suástica) com o seu propósito (o lugar ou público-alvo, onde indivíduos potencialmente ameaçados existem e onde são lembradxs, por meio da suástica, que não pertencem àquele espaço). Suásticas são expostas na frente de seus/suas destinatárixs imediatxs, em uma superfície que pertence à pessoa endereçada ou por onde elas transitam. Frequentemente é posicionada à altura dos olhos, “perseguido-os” em sua habitação, seu local de estudo ou de trabalho.

É importante lembrar que a produção da suástica por umx autorx em uma superfície furtada não só viola a suposta função da superfície e o respeito à propriedade privada ou pública (como uma universidade

pública, a porta de umx alunx ou um carro), como também declara que existem certas pessoas que têm um direito maior ao vandalismo ou ao uso da propriedade alheia. O uso de uma porta, parede ou calçada como uma superfície para a suástica abusa dessas áreas por meio de uma imagem que é entendida por alguns como uma ameaça de morte ou um lembrete da “exposição do judeu”, bem como um desejo de exclusão daquele espaço. Embora grande parte das mídias contemporâneas seja montada em certos lugares e atinja audiências distantes, como por exemplo redes sociais, correios eletrônicos e televisão, a prática de produção tanto da mídia quanto da mensagem no espaço de outra pessoa tem sua singularidade e, assim, maior poder de intimidação. Além dx destinatárix não ser capaz de escolher aceitar a “mensagem” como poderiam ao escolher abrir suas redes sociais, abrir um envelope ou ligar a televisão, neste caso a destinatária é uma audiência “presa”, capturada pela ameaça material, visual e espacial de seu território.

Ademais, em sua apresentação inesperada, nova e curta antes de ser apagada ou coberta, a suástica ganhará reconhecimento público à medida que mais pessoas a observarem, algumas das quais são aquelas que foram visadas e que se sentirão como próximas vítimas potenciais. Algumas pessoas tirarão fotos da suástica, que circularão em aplicativos de mensagens instantâneas e redes sociais. Às vezes, a suástica será relatada às autoridades no campus ou a guardas da universidade. Ela também pode ganhar cobertura em jornais. Em suma, a suástica material se manterá em circulação digital, alcançando mais e mais audiências de segunda e terceira ordem.

A suástica como um ato de marcação dupla

A demarcação antissemita de residências e locais de trabalho judaicos possui uma longa história. Para atingir o propósito desta seção, volto a me referir à prática nazista de marcar estabelecimentos judaicos com a Estrela de Davi e/ou com as palavras “*Juden*”, “*Jude*” e “*Achtung Juden*”⁸. No filme de curta metragem de propaganda nazista *Nazi Anti-Jewish Boycott* (em torno de 1933) (ver UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM, 2022), somos capazes de perceber uma grande variedade de marcações em estabelecimentos judaicos e, além disso, gangues nazistas fazendo passeatas nas ruas com bandeiras de suásticas enquanto cantam em uníssono na língua alemã “Alemães, se defendam. Cuidado, Judeus. [...] Não

⁸ Em alemão, “*Jude*” significa “judeu”; “*Juden*” significa “Judeus” ou “Judaico”; “*Achtung Juden*” significa “Atenção/cuidado com Judeus”. As mesmas práticas ocorreram em outros locais na Europa, com a mudança da língua de acordo com o local.

comprem de Judeus. Alemães, se libertem da liderança Judaica! [...]”⁹. Nesse contexto, isso mostra a prática de demarcação de locais judaicos em prol da população não judia, para identificar o povo judeu para que se soubesse onde estavam e como bani-los ou evitá-los. Posteriormente, essas lojas e casas foram invadidas e destruídas, e seus/suas proprietárixs e trabalhadorxs judeus foram removidxs ou assassinadxs imediatamente. Como mencionado anteriormente, a suástica, seja como parte da bandeira ou por si só, constituía um símbolo de orgulho alemão. Em 1935, com as Leis Raciais de Nuremberg (United States Holocaust Memorial Museum, dados levantados em 2022), não era permitido a judeus vesti-la, carregá-la e hasteá-la, incluindo as suas cores. Dado seu orgulho e santidade, a suástica não era usada para demarcar domicílios e empreendimentos judaicos.

Diferentemente desse momento histórico, as suásticas atualmente aparecem pintadas na casa das pessoas, em lojas ou em instituições judaicas fora do campus, bem como nas portas, nos carros e em posses de estudantes e funcionárixs judeus ou em entradas e superfícies de organizações judaicas no campus. Esse uso constitui um *ato duplo*. Simultaneamente, a suástica (1) identifica x(s) judeu(s), revela ao público onde estão e lembra x judeu que elx foi identificadx, é reconhecível e observadx, enquanto (2) ameaça violência potencial e outras repercussões danosas e hediondas que são “carregadas” pela suástica, que é associada com a tortura e perseguição¹⁰. Ou seja, se, no regime nazista, a marcação servia para identificar locais judaicos com um símbolo judaico e, posteriormente, o comportamento agressivo e letal portava o nome da suástica, então, nos tempos atuais, o uso da suástica mescla ambas as ações.

Também é importante ressaltar que, durante o regime nazista, soldados portavam suásticas em seus uniformes ou corpos, em seus carros na forma de bandeiras e outros métodos similares; atualmente, a suástica existe sem o seu portador humano. Sem umx autorx identificadx, suásticas expostas podem ser enquadradas em um conceito de delegação. Slack e Wise (2015) explicam que a tecnologia delega ou entrega tarefas aos seres humanos (por exemplo, a “prescrição”, como será elaborado posteriormente), enquanto o ser humano simultaneamente delega tarefas à tecnologia. Aqui, podemos ver a tecnologia da suástica

⁹ Logo após a ascensão dos nazistas na Alemanha, eles organizaram um boicote de empreendimentos cujos donos eram judeus. Gangues prenderam judeus, foi pintado “Judeus são proibidos” em janelas de lojas, a entrada de lojas foi bloqueada, e palavras de ordem antisemitas foram exclamadas (HOLOCAUST ENCYCLOPEDIA, 2021).

¹⁰ Ver, por exemplo, Stoltzfus (2001): a estrela de Davi foi pintada em amarelo e preto em milhares de portas e janelas, com palavras de ordem antisemitas as acompanhando. Placas foram expostas dizendo “Não compre de Judeus!” (*Kauf nicht bei Juden!*), “Os Judeus são nossa ruína!” (*Die Juden sind unser Unglück!*) e “Vão para a Palestina!” (*Geh nach Palästina!*). Atos de violência contra indivíduos e propriedades judaicas ocorreram em toda a Alemanha.

fazendo algo que os seres humanos costumavam fazer. Curiosamente, nos tempos atuais, a suástica realiza uma tarefa que as pessoas são incapazes de fazer, mas desejariam que não o fossem – elas delegam o ódio, a ameaça e a hostilidade à suástica –, fazendo com que a suástica faça o que se tornou incomum e inaceitável em uma sociedade progressista. O desaparecimento do autor significa que mais poder é delegado à suástica, que, por si só, “realiza o trabalho” no lugar de seu autor. Podemos assumir que, em uma cultura politicamente correta, na qual o ódio não é tolerado, esses autores dependem de mídias, artefatos e tecnologias para que esse trabalho seja realizado.

Como se sabe, outros atos de marcação e denominação de fenômenos, atos ou objetos que não foram rotulados previamente e, assim, não ganharam qualquer atenção são frequentemente descartados¹¹; no entanto, a prática da suástica, que marca o povo judeu e funciona de forma similar, possui uma negatividade problemática. O povo judeu, para se sentir incluso, aceito e recebido, preferem que não sejam indicados imediatamente. Dentro do contexto antissemita, que alega que judeus facilmente se assimilam à cultura dominante e desta forma deveriam ser “revelados”, a prática de desidentificar pessoas judias lhes traz um sentido de inclusão. Isso legitima sua vivência com outras pessoas. No entanto, a prática de nomear o judeu, a judia, de marcar seu local de moradia e estudo, principalmente quando este ato inclui uma ameaça, diferencia-os quanto à sua existência¹².

O viés de espaço-tempo e a transitoriedade complicada

O enfoque de Innis na influência do meio de comunicação na disseminação de conhecimento situa o porquê da comunicação por meio da compreensão de vieses espaço-temporais (INNIS, 1951/2012; SHARMA, 2014; STRATE, 2017). Se, por exemplo, a mídia é firme e resistente, a disseminação de conhecimento se configura como um viés temporal: é uma mídia cujo movimento espacial é pouco provável e durará por muito tempo (como, por exemplo, monumentos ou pedras com mensagens entalhadas). Se a mídia é leve, ela será mais bem-adaptada ao transporte e, assim, à propagação do conhecimento através do espaço (como, por exemplo, cartões postais ou pergaminhos), embora seja geralmente menos resistente ao tempo (papéis rasgam, são destruídos ou esfurelam). Como explica Sharma (2014), a segunda categoria, do papiro ao rádio, propicia a centralização de poder. Essas tecnologias possuem um viés espacial, visto que podem

¹¹ Ver, por exemplo, como “assédio sexual” foi negligenciado até ser nomeado, e assim ganhou atenção e previsão legal (BLAKEMORE, 2018).

¹² Vide também a marcação de pessoas judias antes e durante o regime nazista com um brasão amarelo da estrela de Davi.

facilmente se disseminar no espaço. Assim, suas mensagens e seu conhecimento, que precisam chegar a lugares distantes, permitem a dispersão do poder muito além de onde as tecnologias foram criadas ou produzidas, estendendo o poder para fora.

Seguindo a linha de pensamento de Innis, Sharma (2014) requer que estejamos atentos às políticas de ambientes tecnológicos específicos e às formas por meio das quais elas se relacionam à dinâmica do poder e das dificuldades sociais. Tendo isso em mente, uma parte crucial do funcionamento tecnológico da suástica pode ser compreendida. Como comentado por Strate (2017), o contraste elaborado por Innis entre as mídias leves e pesadas somente se aplica às *qualidades materiais* das mídias, principalmente as superfícies nas quais mensagens são escritas. A suástica, como foi discutido, é construída no momento de sua criação em uma superfície apropriada que foi conquistada. Diferentemente de um meio de produção que vai além de seu local de origem, a suástica já é criada em seu local de disseminação.

Embora, de muitas formas, seja um mero desenho que geralmente é exposto em uma superfície imóvel (por exemplo, um muro, uma porta ou calçada), a habilidade de rapidamente ser estabelecida em praticamente qualquer superfície do mundo a caracteriza como uma forma de comunicação com viés espacial. Como a suástica é exposta em uma mídia muito “leve”, ela pode ser espalhada pelo espaço, seja por meio de pessoas, seja digitalmente (visto que ela pode facilmente ter sua foto tirada e circular dessa forma). Assim, não é a superfície na qual foi desenhada que é capaz de se mover no espaço, e sim a capacidade de a imagem poder ser produzida em praticamente qualquer superfície em espaços longínquos, mesmo se essas superfícies forem imóveis. Dessa forma, ela permite que o poder seja espalhado e expandido. Muito além de grupos nacionalistas brancos, por exemplo, a suástica e sua ideologia pode se espalhar além dos locais físicos de encontro desses grupos, até, por exemplo, o espaço do campus. Assim, a suástica aparece em dormitórios estudantis, servindo ao campus como um lembrete da ideologia da suástica e a ameaça por ela promulgada.

Conforme o viés espacial da mídia, a durabilidade da suástica é muito curta. Os desenhos dificilmente serão permanentes (principalmente se forem desenhados em um quadro negro ou na porta de alguém com uma caneta), e as autoridades e indivíduos afetados, bem como eventualmente transeuntes, apagarão a suástica praticamente assim que a virem. No entanto, pode-se argumentar que a lembrança da existência da suástica, mesmo que breve, permanece no campus por muitos anos, estabelecendo um medo duradouro muito além de sua durabilidade material. Essa característica é semelhante ao poema de Avidan (2008), “*The*

Stain Remained on the Wall (A mancha permaneceu na parede), que descreve uma mancha na parede que, independentemente do que façam para limpá-la ou cobri-la, permanece. Seguindo essa analogia, mesmo se apagada, a suástica “permanece na parede”, e, assim, poderíamos também argumentar em prol de um viés temporal.

Através da existência complexa da suástica – sua ocorrência inesperada, seus vieses espaciais e temporais e seu rápido desaparecimento, enquanto sua durabilidade é mantida por meio da mídia em questão e da memória –, as políticas e dinâmicas de poder da suástica são promulgadas. É o poder com agência que vai além do controle da comunidade afetada: a disseminação do ódio, a incapacidade de controlá-la e preveni-la e a compreensão de que o antissemitismo ainda afeta judeus/judias inocentes e outras comunidades minoritárias.

(Re)mediação do ódio e a aura ameaçadora

As tecnologias são mediadoras, possuindo um papel na tradução na medida em que transformam uma forma em outra, frequentemente com uma linguagem própria ao mediar mensagens, ideologias e conteúdo de diferentes fontes (SLACK e WISE, 2015, continuando os trabalhos de Callon e Latour). A suástica original criada/adotada pelo partido nazista promovia o orgulho alemão ariano – ela mediava a ideologia de pureza racial e a inferioridade da “raça” judia (HELLER, 2008). Ela foi incorporada em bandeiras, brasões e medalhas presas a uniformes, em cartazes e placas em locais públicos, escritórios e lugares privados de apoiadorxs do regime nazista. A ideologia e o significado nazistas eram mediados por sua transformação em uma imagem simples, popular, fácil de desenhar e reconhecível na forma de uma cruz vermelha ou preta girando à direita. A suástica poderia ser exposta em vez de palavras, propaganda e pessoas, servindo como um lembrete de sua presença, bem como um presságio de sua existência futura e dos ataques violentos e letais que a seguirão. Como já foi mencionado, ao ser envolvida em perseguição, tortura e genocídio da população judaica e de outras populações minoritárias raciais, nos anos 30 e 40, a suástica ganhou o significado das atrocidades mortais e odiosas da ideologia nazista.

O uso e a produção de suásticas atualmente nos campi dos Estados Unidos não só media o significado original da suástica, como também a ideologia e história adicional que ela traz do genocídio cometido na Segunda Guerra Mundial. Nesse aspecto, a suástica pode ser vista como um “recipiente” tecnológico (STRATE, 2017, p. 110-111) que acumula conteúdo, memórias, genocídio e trauma que são adicionados com

o passar do tempo. Como um recipiente, ela constitui ambientes individual e coletivamente. Entre os anos de 1920 e 1940, a suástica foi produzida em fábricas ou lugares profissionais que conferiam legitimidade e autoridade à sua produção. Agora, ela é pichada ou desenhada com marcadores permanentes, giz, fezes ou entalhada à faca. Em vez de ser produzida por uma máquina, a sua produção envolve primariamente as mãos humanas sorrateiramente, e é enquadrada como uma intimidação não autorizada e ilegal, bem como uma ameaça a outros na comunidade.

Assim, embora a imagem da cruz seja a mesma, os materiais utilizados atualmente são outros; no entanto, a formação sorrateira da suástica moderna ainda traz o conteúdo daquela outrora produzida em fábricas de forma autorizada. A suástica era distribuída pelo governo e exército no passado – agora, ela é principalmente distribuída por supremacistas e nacionalistas brancos (que possuem ideologias semelhantes). Dessa forma, podemos ver a nova versão e a nova prática manufatureira da suástica, bem como sua produção, por meio do conceito de *remediação*, em que o conteúdo de uma mídia é incorporado por determinada prática em outra mídia (BOLTER e GRUSIN, 1999; McLUHAN, 1999). De acordo com Bolter e Grusin (1999), a nova forma da suástica reforma a antiga, trazendo o símbolo um pouco nostálgico a uma mídia mais recente. Ainda assim, isso é feito sob a lógica do “imediatismo”, em que os traços da mediação são apagados, e a versão antiga se mescla na versão nova. Em vez de se referir ou apontar definitivamente para a suástica como um objeto que pertence aos tempos nazistas, a versão nova não presta homenagem à forma histórica e, em vez disso, põe em prática seu poder atual de uma nova maneira.

O “aqui e agora” das obras de arte traz uma autenticidade e uma singularidade especial às criações (BENJAMIN, 2019). No entanto, embora a suástica não seja uma obra de arte em nenhum sentido da expressão, sua “aura” confere medo e ameaça. Ainda que ela traga muita história, a força ameaçadora da suástica atual se dá justamente por esta não ser industrial, e sim feita à mão, imperfeita, trazendo consigo a presença e o ato autêntico de sua autoria: uma pessoa desenha uma suástica no seu aqui e agora, que ameaça fisicamente o bem estar do(s) indivíduo(s) afetado(s). A hora e local específicos do ato de exposição, os traços residuais da autoria, que estava presente na porta de alguém, e a cobertura ou limpeza posterior da suástica – todos são atos físicos e materiais, evidências da exposição da suástica, o que denomino sua “aura ameaçadora”.

Voltando a prescrever tarefas

As tecnologias nos prescrevem tarefas, e então adquirimos hábitos e habilidades, comportamentos e atitudes inscritas em nossos corpos (SLACK e WISE, 2015, seguindo Latour). Ou seja, as tecnologias necessitam que mantenhamos um comportamento corporal para que sejamos capazes de ativá-las ou usá-las. As tecnologias fazem com que as pessoas interajam com elas de determinada maneira, com determinada postura, usando as mãos, os olhos e outras partes de seus corpos de maneiras específicas enquanto mantêm alguma posição corporal e se movem ao redor/diante/além delas. Ao explorar a produção da suástica por meio da lente da prescrição, somos capacitadxs a explorar a forma como ela inscreve tarefas nos corpos das pessoas e as guia a certo comportamento.

A produção da suástica requer que x autorx se mova até a superfície, provavelmente andando rapidamente enquanto vira seu rosto e seus olhos para averiguar que não será vistx; esse comportamento ocorre provavelmente em momentos em que há menos pessoas ao redor. Então elx usa sua mão dominante para desenhar/entalhar/pichar a imagem da suástica e provavelmente abandona o local imediatamente. A ação é curta, mas ainda assim é intencional e planejada. O ato da produção da suástica necessita que x autorx se distancie fisicamente do símbolo exposto para que não seja pegx, deixando-a trabalhar para assustar e ameaçar as pessoas.

A suástica também prescreve tarefas axs afetadxs. Ela atrai a atenção dos olhos, chama as pessoas a observarem-na ou então as afasta por medo ou negligência. Os indivíduos afetados ou a comunidade têm um gatilho emocional, e o trauma pode ecoar em seus corpos. Os afetados, transeuntes, autoridades e jornalistas se aglomeram em volta da suástica e precisam relatar o acontecimento seguindo determinados procedimentos. Ela ocupa seus corpos e seu tempo após o ocorrido. Suas vozes e mãos se dedicam a descrever o que observaram. Pronunciamentos de líderes judaicos e/ou da universidade são elaborados e enviados à comunidade universitária. Geralmente, uma pessoa é designada a limpar ou apagar a suástica e, caso isso não seja possível, a cobrir com papel ou outros materiais. Eventualmente, mão de obra adicional é necessária para substituir muros, portas ou peças de carros. Finalmente, mesmo muito depois da suástica ter sido removida, pessoas apontam o local em que outrora estivera instalada. A suástica permanece nas memórias e continua circulando em pensamentos, emoções e reações pós-traumáticas. A comunidade alvo pode alterar seu comportamento nesses locais, se tornando menos pública, evitando o deslocamento solitário à noite, abandonando a universidade ou se transferindo para outra instituição.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed46.2022.284>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 46, p.96-117, jan./abr. 2022

Conclusões

Este ensaio contribui ao arcabouço das suásticas sugeridas como “tecnologias da violência” (ARONIS e AOKI, 2021) e, por meio de uma perspectiva ecológica das mídias, considera o material e a mídia da suástica, bem como seu *processo de produção*, como parte crucial da justiça social e da compreensão acadêmica de sua natureza violenta, assediadora e ameaçadora em relação a judeus e/ou outras comunidades raciais minoritárias afetadas. Ao desconstruir aspectos referentes à forma, produção, significado, durabilidade, temporalidade, (re)mediação e prescrição, este ensaio providencia um relato fenomenológico da prática constitutiva de suásticas instaladas em campi estadunidenses.

Por meio da ecologia das mídias e do foco no funcionamento tecnológico, somos capazes de gerar atenção e compreensão aos sistemas de poder e sua promulgação. É por meio dessa perspectiva que podemos perceber a natureza opressora, abusiva, traumática e ameaçadora da suástica. Desconstruindo seu *processo de produção* tecnológico, podemos ver a *apropriação* de superfícies públicas ou privadas, a identificação brutal do povo judeu e, simultaneamente, as ameaças à sua existência na sociedade. Considerando aspectos midiáticos, percebemos o quão assediadora pode ser esta mídia, bem como a complexidade de seus vieses espaço-temporais e a facilidade de sua instalação, de forma rápida, manual e solitária. Podemos também revelar a constituição da aura ameaçadora, que não somente media a forma antiga da suástica nazista, como também esconde a prática da remediação, que dá a impressão do objeto real, e não de seu símbolo (sem a “citação” da hipermediação). Somos capazes de perceber que as suásticas nos dão trabalho, ocupando nosso corpo, mente e emoções muito tempo após a ocorrência dos eventos.

Kellner (2021, p. 7) diz que “os espetáculos das mídias demonstram quem tem o poder e quem não o tem, quem pode exercer força e violência e quem não o pode”¹³. Nesse sentido, podemos apontar sobre como a suástica exposta demonstra a posse de poder de nacionalistas e supremacistas brancos, em contraste com indivíduos que pertencem a grupos minoritários sem qualquer poder na sociedade. A incapacidade de antecipação a respeito da exposição de uma suástica, bem como sua aparição em um lugar inapropriado, vulnerabiliza as pessoas judias. A sua exposição ressuscita a prática nazista e traz consigo a memória de perseguição e genocídio em uma forma “atualizada” que não foi “filtrada” por novas leis de proteção estadunidenses, de outros países e/ou de comitês universitários de diversidade, inclusão, equidade

¹³ N.T.: Tradução livre

e justiça social. Isso mostra repetidamente ao povo judeu, utilizando as palavras de Kellner, quem pode exercer força e violência e quem não pode.

Independentemente de quaisquer incidentes, membros de comunidades judaicas frequentemente se deparam com mais uma dificuldade imposta pela administração universitária, pela polícia, por membros não judeus de suas comunidades e, às vezes, pelas mídias: o desprezo às reações de judeus à suástica, a minimização de seu impacto e a normalização de sua aparição. Isso reduz ainda mais a agência do povo judeu, seu poder, aumentando seu medo e os tornando ilegítimos – não somente pelxs autorxs da suástica, mas também pelas autoridades e possíveis aliadxs não judeus, que são encarregadxs com os cuidados de judeus, bem como com garantir sua segurança, inclusão e bem-estar.

Estamos em um momento em que um número crescente de suásticas surge dentro e fora de campi nos Estados Unidos, e, como qualquer outra mídia, seu aparecimento constante “contribui a nos educar sobre como nos comportar e o que pensar, sentir, acreditar, temer e desejar – bem como o que não fazer”¹⁴, como explica Kellner (2021, p.9). As suásticas têm uma influência em quem somos e em como devemos nos comportar. Como comentado por Coates, Ferber e Brunsma (2017, p. 32), a subordinação sempre é apoiada por ações individuais, valores culturais e regras; ela é intrínseca às estruturas institucionais e às práticas da sociedade. Este ensaio oferece um enfoque no funcionamento tecnológico das suásticas de forma a obter uma melhor compreensão de seu processo de produção e de seu impacto problemático, ao passo que providencia uma plataforma de reavaliação de ações individuais, valores e regras culturais.

Carolin Aronis

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4150-2918>

Universidade Estadual do Colorado, Departamento de Estudos Étnicos, Fort Collins, Colorado, EUA.

Doutora em Comunicação e Estudo das Mídias / Universidade Hebraica de Jerusalém

E-mail: carolin.aronis@colostate.edu

Recebido em: 25 de março de 2022.

Aprovado em: 10 de abril de 2022.

¹⁴ N.T.: Tradução livre

Referências:

13WJZ—CBS BALTIMORE. Students shocked after swastika scribbled on Bowie State building. **13WJZ—CBS Baltimore**. 13 de novembro de 2015. Acessado em 19 de fevereiro de 2022: <https://baltimore.cbslocal.com/2015/11/13/suspect-scribbles-swastika-on-campus-building-amidst-protests/>

AMCHA INITIATIVE (website). Incident Database. **Amcha Initiative**. Acessado em 2022: [https://amchainitiative.org/\(Incident Database\)](https://amchainitiative.org/(Incident Database))

ANTI-DEFAMATION LEAGUE. U.S. Antisemitic Incidents Remained at Historic High in 2020. **Anti-Defamation League**, 2021. Acessado em 19 de fevereiro de 2022: <https://www.adl.org/news/press-releases/us-antisemitic-incidents-remained-at-historic-high-in-2020>

_____. Antisemitism. **Anti-Defamation League**. Acessado em 30 de maio de 2021: <https://www.adl.org/anti-semitism>

_____. Swastika. **Anti-Defamation League**. Acessado em 30 de maio de 2021: <https://www.adl.org/education/references/hate-symbols/swastika>

ARONIS, Carolin. Antisemitism in the U.S.: New media, new semantics, new problems. **ETC: A Review of General Semantics**, v. 76, n. 3-4, 2019/2020.

ARONIS, Carolin; AOKI, Eric (2021). Nooses and Swastikas in US Academic Spaces: From Hate Symbols to Violent Technologies [manuscript submitted for publication]. Department of Ethnic Studies and Department of Communication Studies, Colorado State University.

AVIDAN, David. The Stain Remained on the Wall. In: **Poets on the Edge: An Anthology of Contemporary Hebrew Poetry**, ed. Tsipi Keller. Albany: SUNY Press, 2008.

BENJAMIN, Ruha. Introduction: Discriminatory Design, Liberating Imagination. In: **Captivating Technology: Race, Carceral Technoscience, and Liberatory Imagination in Everyday Life**. Durham: Duke University Press Books, 2019.

BLAKEMORE, Erin. Until 1975, 'Sexual Harassment' Was the Menace With No Name. **History**, 2018. Acessado em 26 de fevereiro de 2022: <https://www.history.com/news/until-1975-sexual-harassment-was-the-menace-with-no-name>

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation: Understanding New Media**. Cambridge, MA: MIT Press, 1999.

COATES, Rodney D.; FERBER, Abby L.; BRUNSMA, David L. **The Matrix of Race**. SAGE, 2017.

DAVIS, Sean. Mizzou Releases Photos of Poop Swastika, Discloses Details Of Previously Unreported Racial Slurs. **The Federalist**. 12 de novembro de 2015. Acessado em 26 de fevereiro de 2022:

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed46.2022.284>

<https://thefederalist.com/2015/11/12/mizzou-releases-photos-of-poop-swastika-discloses-details-of-previously-unreported-racial-slurs/>

DE CASTRO, Elijah. Swastika discovered drawn onto glass of Baker Hallway. **The Ithacan**. 4 de fevereiro de 2022. Acessado em 7 de fevereiro de 2022: <https://theithacan.org/news/swastika-discovered-drawn-onto-glass-of-baker-hallway/>

FOUCAULT, Michel. **Discipline and Punish: The Birth of the Prison**. New York: Random House, 1975.

HAMPSON, Rick. Swastika use is on the rise, but among those who understand it least. **USA TODAY**. 13 de agosto de 2017. Acessado em 5 de março de 2022: <https://www.usatoday.com/story/news/politics/2017/08/13/swastika-use-rise-nazis-trump-charlottesville-violence/104488402/>

HELLER, Steven. The Ministry of Fear. **Social Research**, v. 71, n. 4, p. 849-862, 2004.

_____. **The Swastika: Symbol Beyond Redemption?**. New York: Allworth Press, 2008.

HOLOCAUST ENCYCLOPEDIA. The history of the Swastika. **Holocaust Encyclopedia**, 2017. Acessado em 10 de fevereiro de 2022: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/history-of-the-swastika>

_____. The Boycott of Jewish Businesses. **Holocaust Encyclopedia**. 2021. Acessado em 5 de março de 2022: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/the-boycott-of-jewish-businesses>

INNIS, Harold A. **The Bias of Communication** (second edition). Toronto: University of Toronto Press, 1951/2012.

KELLNER, Douglas. Cultural studies, multiculturalism, and media culture. In: YOUSMAN, Bill; BINDIG YOUSMAN, Lori; DINES, Gail; MCMAHON HUMEZ, Jean (eds). **Gender, Race, and Class in Media: A Critical Reader** (p. 7-18). Thousand Oaks: SAGE Publications, 2021.

LANE, Andy. What is technology?. **OpenLearn: Free Learning from the Open University**. 2019. Acessado em 1 de fevereiro de 2022: <https://www.open.edu/openlearn/science-maths-technology/engineering-and-technology/technology/what-technology>

LEVI JULIAN, Hana. Swastikas Spray-Painted Across Wilmington, Delaware. **JewishPress.COM**. 15 February 2022. Retrieved 5 March, 2022: <https://www.jewishpress.com/news/breaking-news/swastikas-spray-painted-across-wilmington-delaware/2022/02/15/?msclkid=7360dafecfbd11eca614cde1c0e4ab43>

LIPSTADT, Deborah. **Antisemitism: Here and Now**. New York: Schocken Books, 2019.

MARVIN, Carolyn. **When Old Technologies Were New: Thinking About Electric Communication in the Late Nineteenth Century**. New York: Oxford University Press, 1988.

MCLUHAN, Marshall. **Understanding Media: The Extensions of Man**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1964/1999.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed46.2022.284>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 46, p.96-117, jan./abr. 2022

QUINN, Malcolm. **The Swastika: Constructing the Symbol**. New York: Routledge, 1994.
<https://www.washingtonpost.com/nation/2018/11/29/they-got-me-im-afraid-swastikas-spray-painted-jewish-professors-office-columbia/>

ROACHE, Madeline. Surge in Anti-Semitic Attacks Has Caused a 'Sense of Emergency' Among Jews Worldwide, New Report Says. **Time**. 2 de maio de 2019. Acessado em 19 de fevereiro de 2022:
<https://time.com/5580312/kantor-center-anti-semitism-report/>

ROSENBERGER, Robert. **Callous Objects**. University of Minnesota Press, 2018.

SHARMA, Sarah. **In the Meantime: Temporality and Cultural Politics**. Durham & London: Duke University Press, 2014.

SLACK, Jennifer Daryl; WISE, J. Macgregor. **Culture and Technology: A Primer**. New York: Peter Lang Publishing, 2015.

STANLEY-BECKER, Isaac. 'They got me. I'm afraid.': Swastikas spray-painted on a Jewish professor's office at Columbia. **The Washington Post**. 29 de novembro de 2018. Acessado em 19 de fevereiro de 2022:
<https://www.washingtonpost.com/nation/2018/11/29/they-got-me-im-afraid-swastikas-spray-painted-jewish-professors-office-columbia/>

STOLTZFUS, Nathan. **Resistance of the Heart: Intermarriage and the Rosenstrasse Protest in Nazi Germany**. New York: Rutgers University Press, 2001.

STRATE, Lance. **Media Ecology: An Approach to Understanding the Human Condition**. New York: Peter Lang, 2017.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. "Nazi Anti-Jewish Boycott" (Circa 1933). **United States Holocaust Memorial Museum**. Acessado em 7 de fevereiro de 2022:
<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/film/nazi-anti-jewish-boycott?parent=en%2F3225>

_____. Nuremberg Race Laws. *United States Holocaust Memorial Museum*. Acessado em 7 de fevereiro de 2022:
<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/nuremberg-laws>

U.S. DEPARTMENT OF STATE. Defining Antisemitism. **U.S. Department of state**. 2010. Acessado em 5 de fevereiro de 2022:
<https://www.state.gov/defining-antisemitism/>

WINNER, Langdon. **The Whale and the Reactor: A Search for Limits in an Age of High Technology** (second edition). Chicago: University of Chicago Press, 2020.

ZAGACKI, Kenneth S.; GALLAGHER, Victoria J. Rhetoric and Materiality in the Museum Park at the North Carolina Museum of Art. **Quarterly Journal of Speech**, v. 95, n. 2, p. 171-191, 2009.

Resumo

Dando sequência ao trabalho de Aronis e Aoki (2021) a respeito das suásticas como tecnologias de violência, este ensaio foca especificamente nas formas contemporâneas de aplicação das suásticas em campi estadunidenses, utilizando uma perspectiva teórica da Ecologia das Mídias para expandir os horizontes a respeito do funcionamento tecnológico da suástica em prol do antissemitismo. A autora examina o material e a mídia da suástica, além de seu processo de produção, para decompor sua natureza violenta, assediadora e ameaçadora – para a comunidade judaica das universidades americanas, bem como para outras potenciais comunidades minoritárias e raciais. Através de cinco lentes de exploração tecnológica, material e comunicativa – produção, dupla marcação, *bias* de espaço-tempo, (re)mediação e prescrição – a autora elucida como as suásticas expostas criam um efeito traumático para universitários de origem judaica. Isto pode auxiliar pesquisadorxs e professorxs a respeito do tema e sua cura.

Palavras-chave: Antissemitismo. Suástica. Judeus. Universidade. Estados Unidos. Ecologia das Mídias. Tecnologia. Ódio.

Abstract

Continuing the work of Aronis and Aoki (2021), this essay focuses on contemporary installations of swastikas on U.S. campuses and uses a media ecology theoretical approach to expand on the technological operation of the swastika in the service of antisemitism. The author examines the *matter* and *medium* of the swastika, along with its *doing*, in order to deconstruct its violent, harassing, and threatening nature—for the U.S. university Jewish community, as well as for other potentially affected minoritized and racialized communities. Through five lenses of technological, material, and communicative exploration—assembling, dual act of marking, space/time bias, (re)mediation, and prescription—the author explains how installed swastikas create a traumatizing effect for Jewish university members. This may assist scholars and practitioners regarding education on the topic and treatment.

Keywords: Antisemitism. Swastika. Jews. University. United States. Media Ecology. Technology. Hate.

Resumen

Continuando con el trabajo de Aronis y Aoki (2021) sobre las esvásticas como tecnologías de la violencia, este ensayo se centra específicamente en las formas contemporáneas de aplicación de las esvásticas en los campus de los EE. a favor del antisemitismo. El autor examina el material y el medio de la esvástica, así como su proceso de producción, para descomponer su naturaleza violenta, acosadora y amenazante para la comunidad judía de las universidades estadounidenses, así como para otras comunidades minoritarias y raciales potenciales. A través de cinco lentes de exploración tecnológica, material y comunicativa (montaje, doble marcado, sesgo espacio-temporal, (re)mediación y prescripción), el autor aclara cómo las esvásticas expuestas crean un efecto traumático para los estudiantes universitarios de origen judío. Esto puede ayudar a los investigadores y profesores con respecto al tema y su cura.

Palabras clave: Antisemitismo. Esvástica. Judíos. Universidad. Estados Unidos. Ecología de los medios. Tecnología. Odio.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.